Assignaturas

São pagas adiantadas: com estampilha 1$500 reis por semestre; sem estampilha 200 reis por mez. Numero avulso 10 réis.

A Locomotiva

Publicações

Annuncios e communicados 50 réis por linha em qualquer das paginas, e pagos adiantados. Os originaes não se restituem.

PERIODICO DOS CAMINHOS DE FERRO

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS-FEIRAS, QUINTAS-FEIRAS E SABBADOS

Proprietario e director — Carlos Faria

Anno 1.º | **Aveiro, Sabbado 9 de Junho de 1883** | **Numero 12**

CORRESPONDENTES LITTERARIOS

EM LISBOA Gervasio Lobato. PORTO Luiz de Magalhães. COIMBRA Alexandre da Conceição

CORRESPONDENTE EM MADRID—**Peris Mencheta**

COLLABORADORES

Agostinho Pinheiro, Albano Coutinho, Albano de Mello, Alfredo Vieira, Alves da Veiga, Antonio Candido Ribeiro da Costa, Antonio Feijó, A. F. d'Araujo e Silva, A. Fuschini, Augusto de Mello, Augusto Rocha, Camillo Castello Branco, Carlos Lobo d'Avilla, Conde de Sabugosa, Conde de Samodães, Eça de Queiroz, Fernando Caldeira, Francisco Palha, Francisco Regalla, J. de Magalhães Lima, Jayme Séguier, Jayme Victor, J. Honorato Regalla, Joaquim d'Araujo, Joaquim de Vasconcellos, J. Simões Dias, Julio Augusto Henriques, Julio Cesar Machado, Luiz Guimarães, Lourenço d'Almeida e Medeiros, Macedo Papança, M. Rodrigues Vieira, Maria Letizia de Rute (Princeza Ratazzi.), Marques Gomes, Mello Freitas, Mendes Leal, Monteiro Ramalho, Oliveira Martins, Pedro Gastão Mesnier, Ramalho Ortigão, R. A. Pequito, S. de Magalhães Lima, Teixeira de Queiroz, Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Visconde de Benalcanfôr, Visconde d'Ouguella.

INDICAÇÕES AOS VIAJANTES NO PORTO

A *Locomotiva*, no seu desvello de auxiliar os viajantes, aponta-lhes os seguintes estabelecimentos, onde podem ser servidos confiada e satisfactoriamente e melhor que em nenhum outro:

Afinador de pianos—Schumacher, Praça de D. Pedro.
Agencia dos Caminhos de Ferro—A Central, rua de Sá da Bandeira.
Agencia de creados e amas de leite: Manuel das Moças, rua Detraz.
Alfaiates—Filippe Lousada, rua de Santo Antonio:
Herminios, rua de Santa Catharina.
Armazens de modas e confecções: Carlos Marinho, L. dos Loyos.
Augusto Pinheiro, rua Formosa
Corrêa & Martins—Cedofeita, 17.
Armazens de moveis: Cypriano, rua de Cedofeita.
Silva & Irmãos, rua do Captivo.
Silva, rua de Santo Antonio.
Cabelleireiros—Silva, rua de Santo Antonio.
Corrêa, rua de Santo Antonio.
Camisaria—Casa de Barcelona, rua de Cedofeita.
Sancho, rua de Santo Antonio.
Casas de banho—A do Grande Hotel do Porto, e da rua de Santo Antonio.
Casas de saude—A do dr. Almeida, rua do Triunfo.
A do dr. Ferreira, rua de S. Lazaro.
Carruagens de aluguer e deligencias: José Galliza.
Companhia de Viação, rua de S. Lazaro.
Cavallos de aluguer—Albano, rua de D. Pedro.
Restaurantes—Palacio de Crystal
Roupa de malha—Batalha Reis, Fabrica da Boa Vista.
Sapateiro—Rosa, rua do Bomjardim.
Tabacaria—Freitas & Azevedo, rua dos Clerigos.
Caza Havaneza, rua de Santo Antonio, esquina da rua de Santa Catharina.
Prateiro—Azevedo, rua do Almada.
Professor de esgrima—Mr. Lauret, Largo da Picaria.
Relojoeiro—Giraud, rua de Santo Antonio.
Pedicuro—Serramayhú, rua Formosa.
Collegio—De meninas:
Salesias, rua de Villar.
Correeiros—Martins, rua de Santo Antonio.
Semeão, rua de Santo Antonio.
Dentista—Hoth—Rua de D. Pedro.
Espingardeiro—Rua dos Clerigos.
Photographia—União, Praça de Santa Thereza.
Fritz, rua do Almada.
Gravador—Serramayhú, rua Formosa.
Luvaria—Portuense, rua de Santo Antonio 182-184.
Modistas—De vestidos:
M.me Ferin, Praça de D. Pedro.
M.me Villete, rua de Cedofeita.
De Chapeus:
M.me Mary Gay, rua do Sá da Bandeira.
Oculista—Bolsom Rua de Santo Antonio.
Ourives—Leitão, rua dos Clerigos.

ENFERMEDADES DE OJOS Y QUIRURGICAS

El médico oculista D. A. Mascaró, ha pagado este año de contribucion la cantidad de 136$565 reis por ejercer su profesion en Lisboa y puede por consiguiente tratar á las personas que le honren con su confianza. Recibe enfermos hasta á médio dia en su clinica, rua do Ferregial de Baixo, 34—y visita á domicilio.

Nota. Suplicase á todos los portugueses honrados y briosos que influyan para que los poderes públicos sobresean las causas criminales instruidas por ejercicio ilegal de la medicina con mengua de la moral publica.

Dr. Van-der-Laan

ESPECIALISTA DE DOENÇAS D'OLHOS

RUA DE SANTA IZABEL 50 - LISBOA

ANTONIO J. D'ALMIDA ROSA

COM ARMAZEM

DE

CALÇADO DE LISBOA

382—Rua do Bomjardim—382

1. andar

PORTO

PALACIO DE CRYSTAL PORTUENSE

GRANDE E UNICA LOTERIA

FEITA PELA

SOCIEDADE DO PALACIO DE CRYSTAL PORTUENSE

NA

CIDADE DO PORTO

A FIM DE DESENVOLVER OS INTUITOS DA SUA CRIAÇÃO

Legalmente auctorisada pelo Governo de Portugal

EXTRACÇÃO NO DIA 24 DE JUNHO DE 1883

1	GRANDE PREMIO DE REIS	50:000$000
1	GRANDE PREMIO DE REIS	20:000$000
1	GRANDE PREMIO DE REIS	10:000$000
2	premios de 5:000$000 de reis cada um	10:000$000
5	premios de 2:000$000 de reis cada um	10:000$000
10	premios de 1:000$000 de réis cada um	10:000$000
20	premios de 500$000 reis cada um	10:000$000
100	premios de 100$000 reis cada um	10:000$000
200	premios de 50$000 reis cada um	10:000$000
1:000	premios de 20$000 reis cada um	20:000$000

1:340 PREMIOS NO VALOR DE

CENTO E SESSENTA CONTOS

O sorteio realisar-se-ha na grande Nave Central do Palacio, sendo immediatamente publicada a lista dos premios e aberto o pagamento. Os originaes são representados por bilhetes inteiros, meios e quartos, assignados pela direcção do Palacio. E' prohibida a abertura de fracções ou cautellas, visto que a emissão d'esta loteria é propriedade exclusiva da Sociedade do Palacio.

Bilhetes desde já á venda nas principaes casas de cambio de Portugal e Ilhas

O Directo Gerente do Palacio de Crystal=Porto=satisfaz pelo correio, para toda a parte, registo e porte franco, os pedidos acompanhados do seu importeem vales, notas de banco, ordens ou qualquer effeito, de prompta realização.

Preços:—Bilhete inteiro, 10$000 reis—meio, 5$000 reis—quarto, 2$500.

Acceitam-se correspondentes, á commissão, em todas as terras do reino. Dirigir ao—Director Gerente do Palacio de Crystal—Porto.

NOVA OFFICINA E DEPOSITO DE MOBILIA DE FERRO E COLCHOARIA

460 — BOMJARDIM — 460 — PORTO

Grande sortido de camas de ferro a principiar, as de casados a 2:500 reis: as de solteiros a 1:1000 reis. Fogões para lenha, variado sortimento, a principiar em 3:000 reis, e de carvão a reis 1:000. Colchões de todos os tamanhos a principiar em 900 reis. Moveis de madeira, obras de zinco.=Offerece grandes vantagens para revender.=

MANUEL TORQUATO PEREIRA.

SUMMARIO

Bosquejo historico dos caminhos de ferro, por A. F. d'Araujo e Silva.
A' falta de assumpto, por Mello Freitas.
Sub tegmine, poesia por Santelmo.
Os Pharaós de Coimbra, por X.
Novidades literarias.

BOSQUEJO HISTORICO DOS CAMINHOS DE FERRO

(Continuado do n.º 10)

A idea de Robinson, a noticia do carro de Cugnot e ainda uma exposição succinta de Watt ácerca da possibilidade da locomoção a vapor, deram origem a differentes tentativas n'este sentido.

Assim Oliveiros Evans em 1790 chegou a empregar na America carros a vapor sobre vias ordinarias aproveitando-se das machinas de alta pressão, mas a sua experiencia naufragou em escolhos que elle não soube destruir.

Trewithick e Vivian, constructores no condado de Cornouailles, os mesmos que espalharam as machinas de Oliveiros Evans, conseguiram em 1802 um *Brevet* para a applicação do vapor á tracção sobre estradas ordinarias, mas as difficuldades provenientes dos attritos e da desigualdade do solo fizeram-lhes abandonar o seu intento.

Foram, porém, felizes quando tentaram o movimento sobre rails.

No mesmo anno em que morria Cugnot surgia das officinas d'aquelles dous constructores a primeira locomotiva destinada ao movimento sobre rails de ferro forjado, cuja applicação datava de 1789 em quasi todos os serviços de minas.

A principio applicada ao transporte de minereos foi pela primeira vez experimentada com bom exito uma locomotiva no caminho de ferro de Merthyr-Tydwill.

Esta experiencia teve logar em 1804 notando-se que a machina percorria 8 kilometros por hora e podia acarretar uma carga util de 10 toneladas,

A locomotiva de Trewithick e Vivian compunha-se de um corpo cylindrico horizontal, que constituia a caldeira, e apoiava-se em 4 rodas, duas na frente com quasi o dobro do diametro das outras duas posteriores.

Cada roda anterior era movida por uma *bielle* que transformava os movimentos de vaivem dos embolos de cada cylindro, onde actuava o vapor, em movimento circular das rodas.

Na frente levantava-se a chaminé e atraz ia uma caixa para o carvão e para a agua bem como um estrado para o machinista.

Os cylindros eram obliquos e collocados symetricamente a angulo de 45 gràos.

Notava-se, todavia, que esta locomotiva, em virtude da pouca adherencia dos limbos das rodas sobre os rails, não dava o resultado desejavel quando se necessitava de augmento de velocidade, vendo-se os constructores na dura coacção de praticarem n'esses limbos ranhuras transversaes e até desigualdades por meio de cabeças de pregos.

Em 1811 M. Blenkinsop surgíu com a sua locomotiva original, de cremalheira, já muito differente das que até ahi se applicavam nos caminhos de ferro.

A fornalha estava collocada na extremidade de um tubo que, atravessando a agua dentro do corpo da caldeira, se prolongava em chaminé vertical por onde eram expellidos o fumo e o resto da combustão.

Tinha os cylindros verticaes cujos embolos transmittiam os seus movimentos ás rodas dentadas que engrenavam nas grandes rodas motoras. A combustão só se executava por effeito da tiragem da chaminé. Não havia molas sobre as rodas nem logar para deposito de agua e combustivel.

Tendo a pratica demonstrado que o systema de cremalheiras offerecia muitos inconvenientes de attrictos e de duração das rodas, M. Brunton propoz em 1813 e realisou as celebres pernas moveis motoras collocadas atraz da locomotiva.

Era curiosa esta disposição.

Substituindo os dous cylindros verticaes por um só horizontal M. Brunton applicou o movimento de vaivem do embolo a duas pernas metallicas ligadas a um parallelogrammo articulado e preso a uma haste fixa sobre o corpo do machina, na parte posterior.

Estas pernas. dobrando-se facilmente por meio de gonzos junto à haste do cylindro, especavam-se contra o terreno por meio de patas de apoio de modo que no seu movimento a haste do embolo, encontrando toda a resistencia para traz, obrigava a machina a mover-se sobre as rodas.

Em 1813 M. Blackett, apoiado em muitas experiencias e observações, apresentou o principio de que as locomotivas podiam adquirir qualquer velocidade sem inconveniente quando o seu peso fosse tal que estabelecesse um attricto forte e sufficientemente exercido sobre os rails para não haver resvalamento ou estacionamento.

Acreditava-se até então que as superficies lisas, tanto dos rails como das rodas das machinas, eram um obstaculo invencivel para o emprego de grandes velocidades.

A ideia tão grandiosa de M. Blackett deu um impulso vigoroso ao emprego das locomotivas. Desde 1813 appareceram em muitos pontos estes magnificos agentes da locomoção.

(Continúa)

A. F. d'Araujo e Silva.

A FALTA DE ASSUMPTO

Vou fazer uma insinuação local, que por certo ha-de ser lida com muito interesse em Lisboa, e deve produzir uma baixa de fundos na Praça de Londres, e na Bolsa de Paris.

Na politica do meu concelho, apesar das minhas ideias independentes, sou contra o sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, que sálvou os naufragos do vapor *Nathalie* a 22 de Outubro de 1880, e voto sempre a favor do eminente jurisconsulto José Dias Ferreira, que ainda não salvou ninguem.

E como as noticias bellicosas produzem sensação, *declarei guerra*... á tristeza. Onde quer que eu encontre motivo para rir, desde que me capacite que qualquer facto ou qualquer phenomeno dá pabulo á gargalhada, solto as mólas à zombaria, arvóro nos labios um sorriso, e brandindo a penna, como quem agita uma lança, rabisco duas phrases bem mas estridentes.

Edificado este preambulo, fallarei de *fontes*. A rasão é simples, é porque tenho visto que, nas lutas camararias. uma das materias mais disputadas, que afunda vereadores, e que a galopinagem levanta nos escudos é positivamente a dos chafarizes marchetando as estradas.

N'esta tranquilidade dos lagos pôdres e estagnados, em que se embrulha o marasmo da provincia, não é muito aquelle humilde refrigerio nas longas estradas insipidas d'esta jornada obnoxia e purulenta.

Os jornaes da opposição batem em brecha o ministerio, e quem lhes escuta os apodos e a raiva, julga que o paiz vacilla sobre um tremedal, tem na cuspide um vulcão de chammas avermelhadas, que amalgamam, e pulverisam convicções, e nas visceras fetidas um parasita gigantesco, que o vai roendo de dentro para fóra.

Os jornaes do governo, esses cantam a palinodia, conduzem em palanquim s. ex.ª o presidente do conselho, apresentam Portugal a tomar banhos n'um mar de rosas, entre nymphas e tritões, que dão cambriolas desenfadadas e grutescas, requestado pelas dryadas, que o espreitam dos bosques e por cima de tudo ouve-se o bello riso argentino e perpetuo dos Deuses de Homero.

Escreverei o que me resta a dizer, sempre de cócoras, como convém á minha inferioridade de reptil, quando lhe toca a honra de fallar d'um homem com o peito constellado de condecorações, que é gran-cruz da Legião d'Honra, e da Annunciada etc. que disfructa o precioso talisman do Tosão d'Ouro, e que passeia de braço dado com os principes e grandezas da terra.

Quando de cá de baixo ólho o vertice da columna em que se acha collocado o grande estadista, é que eu admiro como D. Pedro IV, no Rocio de Lisboa, victima d'alguma tontura de cabeça se não precipita do alto do *castiçal* em que o poisaram sem dôr nem consciencia pelo perigo da primeira revolta. Que o diga Napoleão, que já medio a altura da columna Vendome.

Justamente quando reparo em Fontes Pereira de Mello tão alto o encontro, que nem o vejo.

Na *Chronica Moderna*, de Gervasio Lobato, semanario defuncto, que sellou as paginas e se metteu no esquife, um escriptor humorista sob o pseudonymo de *João de Azevem*, á sahida d'uma sessão de deputados, apreciando o merito do ministro explusio d'est'arte:

Se o Fontes é a nosso *primeiro* orador parlamentar sabes quem eu lastimo devéras?

Quem é?

E' o *segundo*.

A'cerca das qualidades militares do Fontes presenciei ha dias a uma conversa tambem muito curiosa:

—E' um general, que nunca sentiu o cheiro da polvora, dizia um.—

«Qual historia! accudio outro a toda a brida, então elle não tem por ventura assistido a muito *fogo de vistas*?!»

Mas felizmente para a minha patria desagradecida, entre esta guerra de alfinetes, é preciso estabelecer a justiça, e, ainda que as balas me trespassem, heide hastear a bandeira da victoria.

Oiçamos em primeiro logar o que o Marechal Saldanha disse a 6 de Julho de 1851 no quartel general de Santo Ambrosio ao barão de Nossa Senhora da Luz:—*que o tenente Fontes Pereira de Mello sempre se portára de modo, a merecer o maior elogio, e que o feliz resultado da acção de Torres Vedras lhe fora devido em parte, porque elle marechal se aproveitára de um reconhecimento feito por aquelle official*»—(1)

Desde que a 7 de Julho de 1851 entrou para o ministerio logo o illustre estadista, como uma creança cheia de renho, mimo e talento, começou a berrar que queria que lhe dessem caminhos de ferro e melhoramentos publicos ao almoço, ao jantar, e á ceia, e ainda este anno o Presidente do Conselho trouxe à cabeça para o seio da representação nacional uma canastrada de projectos de vias ferreas, que me obrigou a soltar um *oh!* muito prolongado e muito lorpa.

No papel, figura desde já, a linha da Beira-Baixa, do Algarve, do Valle do Tua até Mirandella, e o ramal de Vizeu.

Hosanna in excelsis!

E' preciso retroceder até ao tempo em que os caminhos de ferro foram introduzidos em Portugal, e desenterrarmos a falsa opinião da epocha.

Durante a sessão de 11 de Abril de 1855 na Camara dos Deputados referio o ministro Fontes: Em quanto ao caminho de ferro para o Porto, é moda dizer-se que é difficil e muito dispendioso

O CONDE DA TAIPA:—insano.

O ORADOR:—é a primeira vez que oiço isto!

E' insano porque temos o Oceano, por onde transitamos para o Porto?

O CONDE DA TAIPA:—Temos o Oceano e não temos dinheiro.»

Logo na sessão immediata, a 12 de Abril, discutindo-se a linha ferrea de leste o Conde de Thomar proferio estas palavras d'aurispice infeliz:

«Ninguem mais do que eu deseja ver «construido esse caminho de ferro, mas te«nho o sentimento de dizer que não espero «vel-o concluido nos dias dos que me escu«tam.»

O grande argumento que ali agitava as paixões e convencia toda a gente era de tremer de susto. Espalhava-se então pelos jornaes, nos debates e no pulpito, esta pergunta descarnada e medonha:

«Como hão-de encher-se de passageiros as cinco ou dez carruagens d'um comboio entre Lisboa e Porto, se a mala-posta que percorre o mesmo caminho, frequentes vezes transita sem ninguem?»

Felizmente tantas e tão respeitaveis apprehensões, foram mordidas e atropeladas pela roda convincente no progresso, e eu na minha qualidade de «fogueiro» d'esta «Locomotiva», agradeço ao estadista Fontes o ternos proporcionado ensejo de vendermos a 10 reis pelas diversas estações da linha ferrea os nossos artigos asthmaticos, traçados a carvão.

Porém a maior gloria do estadista, aquella que a meus olhos o immortalisa, foi o seu discurso em sessão de 15 de Julho de 1852 d'onde arranco o seguinte trecho:

«Estou prompto, como já outra vez o dis«se, a comprometter-me a pagar—um mez «em cada trinta dias—aos servidores do esta«do, sem ser preciso antecipar as rendas publi«cas. Faço esta declaração muito solemne«mente á Camara, e perante o paiz.»

«(*Appoiados*—muito bem!)»

E a verdade é que cumpriu. Outro fosse elle que apenas promettesse!

O que era o empregado publico até ali? Era um cão esfaimado, um desordeiro mercenario prompto a fazer-se fusilar na primeira insurreição, uma victima impudente nas mãos dos vampiros e dos agiotas.

Hoje não! é um regalo ter um talher na meza do orçamento.

Fallo por mim, que sou empregado publico; é este até o segredo dos meus elogios.

Antonio Maria Fontes Pereira de Mello *salvou* o credito do paiz; *saldou* velhas contas atrazadas; *saltou* por cima de terriveis barrancos e poz em pratica o pagamento do ordenado men*sal* nos officios do Estado.

Não digam, por amor de Deus! aos guardas da fiscalisação aduaneira que empreguei nas ultimas palavras tanto *sal* furtado aos direitos.

Mello Freitas.

(1) F. J. Pinto Coelho—Contemporaneos illustres 1.º vol. pag. 10.

SUB TEGMINE...

Se me lembro! e posso eu nunca esquecer-me
D'esse amor tão cortado de loucuras,
Que me roeu, como se fosse um verme,
A branca flôr das illusões mais puras?!

Entrava o sol a rir de manhã cedo
Na nossa casa então... que paraiso!
Viviamos ali, como em segredo,
A' luz do teu olympico sorriso!...

E emquanto se crestavam as espigas,
E a brisa desflorava os laranjaes,
E ondulavam as rusticas cantigas
A' sombra resinosa dos pinhaes;

Emquanto nas azenhas dos lagares
Se iam quebrando as aguas espumosas,
E os insectos brindavam os pomares
Bebendo pelos calices das rosas;

Tu, minha doce amante, desatavas
Pelas costas o veu dos teus cabellos,
E a alma toda em beijos me afogavas
N'um banho ideal de lubricos desvelos!...

O sol caía a prumo nos vallados,
E causticando os pantanos dormentes,
Entornava topasios facetados
Na tranquilla epiderme das correntes.

E fizemos ali, pombos, o ninho
Do nosso amor apaixonado e quente,
Entre os festões d'um bosque rescendente
A madre-silva agreste e a rosmaninho.

Como um loiro *champagne* que trasborda,
Embebedava a natureza o sol;
Escutava-se o eterno si-bemol
Dos zangãos nos violões d'uma só corda.

E ao som d'essa monotona lamuria,
N'aquella athmosphera abafadiça,
Por sobre a relva, á sombra—que luxuria!
Deitavamo-nos ambos—que preguiça!

E tu, olhos e bocca entre-cerrados,
As narinas febrís, vermelho o rosto,
Com os seios de jaspe libertados
Do teu roupão de rendas descomposto,

Beijavas-me a cabeça, as mãos e o peito;
E os braços estendendo—que alvoroço!
Sentia-os apertarem-me o pescoço,
Como um collar de viboras desfeito.

. . . . . .
. . . . . .

Já vês que nunca, nunca hei-de esquecer-me
D'esse amor tão cortado de loucuras,
Que me roeu, como se fosse um verme,
A branca flôr das illusões mais puras!...

Reguengos.

Santelmo.

PHARAÓS DE COIMBRA

HISTORIA DE UM CATHEDRATICO

(Continuação)

—Muito bem, senhor. disse bem.

Tinha terminado o acto, e os amigos

felicitavam D. Francisco calorosamente. Tudo eram abraços, muitos cumprimentos e apertos de mão.

—Tu estás livre, meu bruto, dizia-lhe o Menezes, seu amigo particular e ainda parente.

—E nós lá vamos logo beber um calix á tua saude, accrescentavam os outros.

Mas elle, pouco resolvido:

—Não.... Olhem que o melhor é logo na baixa; eu de tarde appareço no Luzitano, e despediu-se.

—Bem. Então vae a casa tirar a volta, que nós lá te levamos o resultado, concluiram.

E elle foi alegre, quasi aos saltos, pensando na distincção. Já lhe parecia pouco o ficar distincto. Eu fiz um acto d'arromba c'os diabos, e levo para ahi um *accessit* pensava convencido.

—Vae, Guilherme, vae ao telegrapho mandou ao chegar a casa, e escreveu a lapis n'uma folha em branco arrancada do Waldeck que as tinha entremeadas para apontamentos:—«Acto brilhante. Parto amanhã».—

Quando o telegramma foi entregue D. Caetano não se conteve que não dissesse para a esposa; chorando d'alegria.

—Eu bem te dizia que o Francisco havia de sahir uma grande cousa!

E a pobre mãe confirmando:

—Podéra. Se elle estuda tanto, coitado!

Em Coimbra D. Francisco pagava generosamente aos amigos o bom Champagne Clicot do Lusitano, e ria-se satisfeito.

—D'esta estás tu livre, diziam-lhe alguns com inveja.

—Que felizão! commentavam todos; que felizão.

—E eu que estou preterido, comentou um indicando-se! Isto só pelo diabo.

N'este instante entrava no botequim, nervoso, muito suado, com a bocca mais torcida ainda que d'ordinario, o senhor Diamante. D. Francisco viu-o e percebeu logo, mas cheio d'affabilidade, muito delicado:

—Oh Joaquim, traze um calix, e comprimentando-o;

—O sr. Diamante toma uma taça á minha saude?

—Que muito obrigado; que queria fallar-lhe em particular: e mais baixo—

—Nem parecia de fidalgo ha 6 mezes sem pagar, uma vergonha!

—Vá lá a casa, o Guilherme tem o dinheiro, eu mando ordem. E emquanto ia escrevendo em um bilhete de visita:

—Se prefere Madeira, senhor Diamante! E este é bom. Ora vá lá.

E como elle recusava ainda:

—A' saude do futuro deputado por Coimbra.

Todos beberam e o senhor Diamante contentissimo disse cousas amaveis.

A's 9 horas D. Francisco retirou-se.

—Que tinha ainda de fallar com o correspondente.

E despedindo-se, abraçava os amigos. E que lhe escrevessem para a aldêa; elle lá estava ás ordens, sempre ás ordens.

E' um pobre diabo este D. Francisco disseram logo que elle sahiu.

E lamentando-o:

—Mas é brutinho. coitado!

—E a imaginar que fez um bom acto, o tollo! admirou um.

—Elle não disse senão asneiras, affirmou outro: mas verão vocês que fica classificado!

Elle pelo menos assim o espera. Ainda ha pouco m'o assegurou.

—São capazes d'isso, são.

Eu já me não admiro. Desde que vi passar nemine o Geraldes, reprovando n'esse anno o Falcão, acredito tudo. Bem me importa a mim, com quanto que me vão deixando passar a mim...

—Que modesto! Sim, que tu não aspiras? Ora o tollo!

E todos a rirem, alegrotes da patuscada despediram-se.

No dia seguinte partiu D. Francisco para casa, os creados da lavoura esperavam-o ao portão com foguetes que estalavam no ar as suas bombas com um estampido alegre, quando elle atravessou o arco de murta que elles tinham levantado. A mãe e o pae choravam como duas creanças e acenando-lhe com os lenços berravam-lhe de muito longe, para a imperial da diligencia.

—Francisco, ó filho, adeus!

Quando o abraçaram foi um delirio de ternura, um desperdicio de caricias.

E elle, muito seccado, contando da brilhantura dizia:

—Que fizera um acto assombroso, e gabava-se—que fôra de mão cheia. E como que distrahido ia contando:—que o Ferreira tinha ficado reprovado, o Brandão esse perdera o anno e. coitado, o primo Telles esse levara um R, passára simpliciter...

D. Caetano ouvinto attento, n'um recolhimento contemplativo de admiração.

—Então ficas classificado, está visto?

E quando se sabe isso, perguntou-lhe.

—Lá para agosto, porque a congregação era por esse tempo.

Tinha passado um mez. D. Francisco aborrecia-se, fallava pouco—

—Isso são saudades, dizia-lhe a mãe.

Que não; Ora essa e ria-se para disfarsar o desgosto.

—E se não fico classificado, pensava e cahia n'um abatimento enorme, atenador, cheio de *spleen*.

E logo de manhã, o seu primeiro cuidado era perguntar se tinha cartas.

—Que sim, respondia o creado.

—Vá então, dê-os cá. E lia-os com o coração alvoraçado; mas eram contas de dividas esquecidas, cartas banaes. Desesperava-se.

Afinal chegaram um dia muitas cartas, bilhetes de visita uma infinidade.

—Tenho cartas, perguntou como de costume.

—E bastantes, fidalgo, respondeu o creado dando-lh'as—

E elle, abrindo ao acaso, palpitava-lhe boa nova.

A primeira carta que leu era de Menezes, o seu intimo. Dizis assim:—«Querido Sampaio o alarve do Sá levou um *accessit*. Já vês, pois que me não enganava quando t'o affirmei no Luzitano. O Figueiredo ficou hontem reprovado, e hoje na congregação classificaram este jumento. Coisas da Universidade!

Adeus. Sempre teu do coração. Antonio de Menezes».

D. Francisco ao lêr não reparou que lhe chamaram Sampaio. A alegria turbára-lhe a vista, não sabia mesmo o que dizia. Sentia-se nervoso, fóra de si abananado.

Mas ao acabar, comprehendeu.

—O Menezes trocou as cartas. Que estouvado! disse rindo-se, e ia abrindo as outras cartas. Eram dos conhecidos—a felicitarem—

Entre ellas vinha um bilhete onde se lia em grandes lettras:

Augusto Diamante

Deputado ás Côrtes da Nação Portugueza

a parabens

O dia da congregação tinha coincidido com o das eleições, e o senhor Diamante, que havia muito, mandára fazer no Adriano alguns centos de bilhetes, ia-se já utilisando d'elles. Foi tambem o unico, diga-se em abono da verdade, que se gastou, porque os restantes ficaram inutilisados.

Por uma traição politica, os artistas de Coimbra ficaram d'esta vez sem um representante que cortasse na lista civil, como o nome d'este mallogrado candidato còrta o vidro. O senhor Diamante não chegou a ser eleito.

N'esse dia houve grande alegria e D. Francisco fez brindes enthusiasticos á Universidade.

E' hoje um dos seus ornamentos, assim como em retracto o é do nobbre salão do paço de Sinfães. Já reprovou tres vezes um filho do seu antigo condiscipulo Menezes, a quem nunca póde perdoar a troca das cartas; e se a mãe octogenaria lhe contá a rir o que elle dizia d'antes da Universidade.

—Rapazes, rapazes, diz sempre, e com todo o respeito: qne é o primeiro estabelecimento scientifico do paiz.

Conclue. X.

SALLUSTIO NOGUEIRA

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

Livraria editora de Mattos Moreira & Cardosos. Lisboa Praça de D. Pedro 67.

NOVIDADES LITTERARIAS

NO PRELO

OS RATOS DA INQUISIÇÃO

POEMA INEDITO

DO JUDEU PORTUGUEZ

ANTONIO SERRÃO DE CRASTO

PREFACIADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO

EDITOR—ERNESTO CHARDRON

1883

Um volume em papel *chamois* e typo elzeviriano.

NO PRELO:

MUSA VELHA

POR

FRANCISCO PALHA

PORTO

EDITOR — ERNESTO CHARDRON

1883

Graças á amabilidade do grande editor portuguez, a «Locomotiva» póde offerecer aos seus leitores o primoroso prologo d'esta alegrissima publicação, e o seu indice seductor.

FRANCISCO PALHA

O mais rijo pulso de polemista que joga o pugilato dos espiritos em terras de Portugal—é elle. Tem-se medido, arca por arca, invencivel sempre, com os athletas da critica. Se os não descadeira a «box», espanca-os com a bexiga do ridiculo que lhes zabumba no espinhaço. Orgulhos que elle tem amarrotado, brincando alli pelo Chiado, se não fosse Francisco Palha, andariam trajados de persas como Karr para nos assoberbarem com as esquipações do genio e as excentricidades delirantes da aba e dos colleirinhos. Palha, quando elles não se alimentam dos doutos comestiveis da razão e da grammatica, dá-lhes a comer o seu appellido e favas. Nunca o vi recuar e ceder. Péga d'um sabio, passa-lhe umas guitas dos braços ás pernas, puxa por uma ponta e faz um bonifrate. E' o bom senso, quando lhe faz conta, enroupado em D. Bibas. Tem pelos tolos a consideração que se lhes deve n'um paiz em que a gente não póde estar sempre a bacharelar com os socios da Academia real das sciencias. E' muito lhano, muito dado, faz de conta que certos sujeitos são precisos à grande epopeia da vida como rimas picarescas com que se fazem os dithyrambos. Quando encarou o mundo pela face da tragedia, fez a Fabia. Antecipou-se à catapulta do rei Caramba 27 e das senhoras Angots. Principiou a demolir a velha arte fazendo entrudo das magestosas coisas do palco, ao mesmo tempo que Ponsard ainda fazia tragedias a serio. Arvorou-se empresario de theatros para justiçar no tablado os estafermos que nos perseguiam desde a Mouraria e rua dos Condes. Alinou as gargantas nacionaes. Pôz a cantar muita mulher nascida para apregoar, nas esquinas de Lisboa, com estridentes trilos, o bello par de melancias. Ensinou-lhes requebros e bugigangas «rigolettes» e afadistadas dos concertos «rigolboches.» F. Palha corrompeu a Lisboa seria, de casaca, a turba entrascada em carnagem e sedenta de chacaras, que fariscava com delicias cannibaes a sangueira do dramalhão no theatro normal. Aquelles gatos pintados da defunta arte pôl-os elle em mangas de camisa, a darem se reciprocas palmadas nos ventres e a cantarem o general Boum. Nos theatros serios, actores, ponto e algum espectador tresuoitado entoavam como em trintario cerrado «o memento pulvis» da syntaxe e da rhetorica escorchadas na Trindade. E, todavia, Francisco Palha estremece a sua lingua; e, se acerta a miudo de a não ter boa, não deixa de ser castiço e correcto.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

INDICE

Dedicatoria; Dona Morte; Por fim...; Carta ao conde d'Almedina, que no estrangeiro solicitou uma commenda para o author; Requerimento; Prefacio de um livro inedito; Mal por mal...; A uma creatura; Além da campa; A Julio Cesar Machado, que em folhetim do *Diario de Noticias* dirigira ao author phrases benevolas; Dies iræ; A Venus nova; O lobo e o cão; Deus e o Amor; Enteada; N'um album; Raphaela; As minhas memorias; Estrella cadente; Ao actor João Anastacio Rosa, que, na sua officina de sapateiro, mandára fazer para uso do author umas botas impermeaveis; As rãs pedindo um rei; Onze de novembro; Em Cintra; Pedindo o indulto de um alumno militar, que em 1872 foi expulso do Lyceu de Lisboa por não haver restituido a outro alumno um livro que lhe pedira emprestado; Assim é que eu gósto d'ella;—Processo: Libello—Contrariedade—Sentença.

Um volume em papel *chamois* e typo elzeviriano.

Editor—*Ernesto Chardron.*

CAMINHOS DE FERRO

NOVO HORARIO

PASSAGEM DOS COMBOIOS EM AVEIRO

ASCENDENTES

Mixto	Correio	Expresso	Mixto
6,52 t.	3,31 m.	8, 50 m.	5,45 m.

DESCENDENTES

Mixto	Correio	Expresso	Mixto
8,56 m.	9,21 t.	4,22 t.	6,51 t.

Annuncios

PERFUMARIAS

LISBOA—*Godfroy pére*, Chiado. Tem no seu estabelecimento de cabelleireiro o que ha de mais fino e *fashionable* em essencias, pomadas e cosmeticos.

CAFE'S

LISBOA — *Café Martinho*, junto ao theatro de D. Maria II. Serviço irreprehensivel. E' o ponto de reunião dos politicos e litteratos.

PORTO—*Café Suisso*, na Praça de D. Pedro, é sem duvida o melhor estabelecimento do seu genero. Acaba de inaugurar uma rica sala nova, e elegantes e confortaveis gabinetes particulares. Recommenda-se aos viajantes pelo seu luxo, e pela abundancia e finura do serviço.

LIVRARIA CHARDRON—PORTO

QUESTÃO DA SEBENTA:

I

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOTAS A' SEBENTA

DO

DR. JAVELINO CESAR CALLISTO

1 folheto..... 60 reis

II-III

AO PUBLICO

O SR. CAMILLO CASTELLO BRANCO

E AS SUAS NOTAS Á SEBENTA

Por AVELINO CESAR AUGUSTO CALLISTO

DUAS PALAVRAS AO SR. CAMILLO CASTELLO BRANCO

POR JOSE' MARIA RODRIGUES

1 folheto..... 60 reis

IV

Camillo Castello Branco

NOTAS AO FOLHETO

DO

DR. JAVELINO CESAR CALLISTO

1 folheto..... 60 reis

V

A CAVALLARIA DA SEBENTA

(*Resposta ao theologo*)

1 folheto..... 100 reis

Tudo no mesmo formato.

CAMINHOS DE FERRO DO MINHO E DOURO

Horario a começar em 10 de junho de 1883

RAMAL DO MINHO

COMBOIOS ASCENDENTES

Distancias kilometricas	Passageiros 1.ª Classe	2.ª Classe	3.ª Classe	Estações	N.º 1 correio	N. 3 mixto	N.º 5 expresso	N.º 7 mixto	N.º 41 supplementar
					Manhã H. M.	Tarde H. M.	Manhã H. M.	Manhã H. M.	Tarde H. M.
—	—	—	—	**Porto** (*Partida*)	7-30	5-40	11-20		4-0
5	120	90	70	Rio Tinto	7-43	5-53	—		4-11
9	180	140	100	**Ermezinde**	7-59	6-9	—		4-23
16	310	240	170	S. Romão	8-13	6-23	—		4-39
							Tarde		
23	440	340	250	Trofa	8-31	6-43	12-0		
33	630	490	350	Famalicão	8-51	7-6	12-17		4-58
				Chegada					5-19
									5-33
39	740	580	420	NINE	9-11	7-30	12-32		
46	880	680	490	S. Bento	9-25	7-46	—		
51	970	760	540	Barcellos	9-38	7-59	12-53		
60	1$140	890	640	Tamel	10-0	8-21	—		
69	1$310	1$020	730	Barrosellas	10-15	8-42	—		
77	1$460	1$140	820	Darque	10-31	9-2	—		
82	1$560	1$210	870	Vianna	10-48	9-20	1-48	7-0	
89	1$690	1$320	940	Montedor	11-5	9-37	—	7-18	
98	1$860	1$450	1$040	Ancora	11-22	9-54	2-14	7-35	
105	1$990	1$550	1$110	**Caminha**	11-38	10-14	2-28	7-55	
110	2$090	1$630	1$160	Lanhéllas	11-49	10-25	—	8-7	
					Tarde				
116	2$200	1$710	1$230	Villa Nova de Cerveira	12-1	10-37	—	8-20	
126	2$390	1$860	1$330	S. Pedro da Torre	12-21	10-57	—	8-41	
130	2$470	1$920	1$370	**Valença** (*Chegada*)	12 30	11-6	3-8	8-50	

COMBOIOS DESCENDENTES

Distancias kilometricas	Passageiros 1.ª Classe	2.ª Classe	3.ª Classe	Estações		N.º 2 mixto	N.º 4 correio	N.º 6 expresso	N.º 8 mixto	N.º 42 suplementar
						Manhã H. M.	Tarde H. M.	Manhã H. M.	Tarde H. M.	Tarde H. M.
—	—	—	—	Valença	*partida*	2-40	1-0	9-50	6-0	
5	120	90	70	S. Pedro da Torre	»	2-52	1-12	—	6-13	
15	290	230	160	Cerveira	»	3-11	1-31	—	6-33	
21	400	310	230	Lanhellas	»	3-23	1-43	—	6-46	
26	500	390	280	Caminha	»	3-37	1-56	10-34	7-0	
33	630	490	350	Ancora	»	3-55	2-12	10-48	7-18	
41	780	610	440	Montedor	»	4-11	2-28	11-3	7-35	
					Chegada				7-50	
40	[illegible]	[illegible]	[illegible]	Vianna						
					Partida	4-32	2-47	11-19		
53	1$010	790	560	Darque	»	4-43	2-58	—		
62	1$180	920	660	Barrosellas	»	5-2	3-14	—		
70	1$330	1$040	740	Tamel	»	5-20	3-32	—		
								Tarde		
80	1$520	1$180	850	Barcellos		5-42	3-53	12-14		
84	1$600	1$240	890	S. Bento	»	5-52	4-3	—		
91	1$730	1$350	960	Nine	»	6-11	4-23	12-36		8-5 0
98	1$860	1$450	1$040	Famalicão	»	6-30	4-41	12-48		9-7
107	2$030	1$580	1$130	Trofa	»	6-50	5-0	1-40		9-25
115	2$180	1$700	1$220	S. Romão	»	7-7	5-17	—		9-42
122	2$320	1$800	1$290	Ermezinde	»	7-29	5-39	—		9-57
125	2$370	1$850	1$320	Rio Tinto	»	7-41	5-51	—		10-6
130	2$470	1$920	1$370	Porto	*chegada*	7-50	6-0	1-4		10-15

RAMAL DE BRAGA

COMBOIOS ASCENDENTES

Distancias kilometricas	Passageiros 1.ª Classe	2.ª Classe	3.ª Classe	Estações	N.º 11 mixto	N.º 13 mixto	N.º 15 expresso	N.º 17 mixto	N.º 19 mixto	N.º 41 Suplementar
					Manhã H. M.	Manhã H. M.	Tarde H. M.	Tarde H. M.	Tarde H. M.	Tarde H. M.
—	—	—	—	Nine (*Partida*)	6-20	9-20	12-43	4-36	7-36	5-38
6	120	90	70	Arentim	6-32	9-32	13-55	4-48	7-48	5-50
9	180	140	100	Tadim	6-40	9-40	1-3	4-56	7-56	5-58
16	310	240	170	Braga (*Chegada*)	6-54	9-54	1-15	5-10	8-10	6-12

COMBOIOS DESCENDENTES

Distancias kilometricas	Passageiros 1 Classe	2 Classe	3 Classe	Estações		N.º 12 mixto	N.º 14 mixto	N.º 16 expresso	N.º 18 mixto	N.º 20 mixto	N.º 34 suplementar
						Manhã H. M.	Manhã H. M.	Manhã H. M.	Tarde H. M.	Tarde H. M.	Tarde H. M.
—	—	—	—	Braga	*Partida*	5-24	8 20	11-45	3-36	6-36	8-11
7	140	110	80	Tadim	»	5-40	8-36	t. 12-1	3-52	6-52	8-27
11	210	170	120	Arentim	»	5-48	8-44	—	4-0	7-0	8-35
16	310	240	170	Nine	*Chegada*	5-58	8-54	12-17	4-10	7-10	8.45

RAMAL DO DOURO

COMBOIOS ASCENDENTES

Distancias kilometricas	Preços dos bilhetes 1.ª Classe	2. Classe	3. Classe	Estações	N.º 21 correio	N.º 23 mixto	N.º 25 mixto
					Manhã H. M.	Tarde H. M.	Manhã H. M.
—	—	—	—	**Porto** (*Partida*)	7-30	5-40	
5	120	90	70	Rio Tinto	7-43	5-53	
9	180	140	100	**Ermezinde**	8-0	6-11	
16	310	240	170	Vallongo	8-18	6-32	
26	500	390	280	Recarei	8-39	6-53	
31	590	460	330	Cete	8-51	7-5	
35	670	520	370	Paredes	9-3	7-17	
39	740	580	420	**Penafiel**	9-19	7-33	
47	900	700	500	Cahide	9-36	7-53	
51	970	760	540	Villa Meã	9-51	8-8	
60	1$140	890	640	Marco de Canavezes	10-14	8-31	
65	1$240	960	690	Juncal	10-27	8-44	
73	1$390	1$080	770	Mosteirô	10-44	9-4	
79	1$500	1$170	840	Caldas d'Aregos	11-1	9-31	
85	1$620	1$260	900	Ermida	11-19	9-39	
92	1$750	1$360	970	Barqueiros	11-39	9-59	
98	1$860	1$450	1$040	Caldas de Moledo	11-58	10-18	
					Tarde		
104	1$980	1$540	1$100	Regoa	12-28	10-38	8-0
113	2$150	1$670	1$190	Covellinhas	12-50	10-58	8-26
120	2$280	1$770	1$270	Ferrão	1-6	11-14	8-46
				Pinhão *Chegada*		11-32	
127	2$410	1$880	1$430	Pinhão *Partida*	1-34		9-18

COMBOIOS DESCENDENTES

Distancias kilometricas	Preço dos bilhetes 1 Classe	2 Classe	3 Classe	Estações		N.º 22 mixto	N.º 24 correio	N.º 26 mixto
						Manhã H. M.	Tarde H. M.	Tarde H. M.
—	—	—	—	Pinhão	*Partida*	2-0	12-10	5,41
6	160	120	90	Férrão	»	2-20	12-30	6,7
12	290	130	160	Covelinhas	»	2-36	12-48	6,28
					Chegada			6,50
24	460	360	260	Regoa				
					Partida	3-4	1-16	
29	550	430	310	Moledo	»	3-17	1-29	
36	690	530	380	Barqueiros	»	3-33	1-47	
43	820	640	460	Ermida	»	3-58	2-10	
49	930	730	520	Aregos	»	4-13	2-25	
55	1$040	810	580	Mosteirô	»	4-29	2-41	
62	1$180	920	660	Juncal	»	4-50	3-2	
67	1$270	990	710	Marco	»	5-3	3-17	
76	1$440	1$120	800	Villa Meã	»	5-28	3-40	
81	1$540	1$200	860	Cahide	»	5-42	3-54	
89	1$690	1$310	940	Penafiel	»	6-2	4-14	
92	1$740	1$360	970	Paredes	»	6-15	4-26	
97	1$840	1$430	1$020	Cete	»	6-27	4-38	
102	1$930	1$500	1$080	Reccarei	»	6-40	4-50	
111	2$100	1$640	1$170	Vallongo	»	7-2	5-12	
119	2$250	1$750	1$250	Ermezinde	»	7-29	5,39	
23	2$330	1$810	1$300	Rio Tinto	»	7-41	5,51	
1127	10$34	1$870	1$340	Porto	*chegada*	7-50	6,0	

ANNUNCIOS

Hotels

PORTO—*Grande Hotel do Porto* é o principal d'esta grande e opulenta cidade. Construido expressamente para o seu fim, segundo os melhores modelos do mundo. O seu proprietario dedicou-lhe toda a attenção em largas viagens de estudo.

Appenso ao hotel ha sob a direcção de um medico expecialista um estabelecimento de banhos, como não tem segundo a Peninsula.

HOTEL ALLIANÇA

SUCCESSOR DO HOTEL INGLEZ DE MARY CASTRO

PORTO—RUA DO SÁ DA BANDEIRA, N.º 53

Este hotel situado no ponto mais central da cidade, proximo dos theatros e da estação Central dos Caminhos de ferro, com carro americano pela porta, tem excellentes commodos e magnifico serviço de mesa por preços excessivamente modicos.

BRAGA—BOM JESUS DO MONTE — *O Grande Hotel* offerece em aceio, meza, habitações, e commodidades o ideal dos hoteis para estações de verão na montanha. Em balde se lhe buscará um rival fóra de Lisboa e Porto.

SEVILHA—Hôtel de Europa. Elegante establecimiento y de modicos precios. Jardin al centro. Ventilado proprio al Oriental.

MESMA CASA

Fonda de Cadiz — CADIZ
« de Jerez — JEREZ
« de Rícca — HUELVA
« de Oriente — CORDOBA
PROPRIETARIOS — RICCA & HERMANOS

Photographias

PORTO—Fonseca & C.ª, praça de Santa Thereza, tem um *atelier* como os primeiros da Europa. Os seus artisticos trabalhos tem sido premiados nas mais notaveis Exposições.

Sapateiros

LISBOA—*Serra*, Rua do Alecrim, recebe calçado do estrangeiro. Garente a sua duração e a delicadeza da fórma e do acabamento.

REAL FABRICA DA VISTA ALEGRE

PORCELLANAS EXCELLENTES

premiadas nas principaes exposições

Os seus productos, iguaes aos extrangeiros, vencem-os na barateza do preço.

Tem um magnifico deposito em Lisboa, Largo do Loreto, 13, e vendedores por todo o paiz.

Imprensa Aveirense - Largo da Vera-Cruz - Aveiro